

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

2



 **Atena**
Editora
Ano 2022

A psicologia no
Brasil:
Teoria e pesquisa

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

2



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 2 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-967-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.674220702>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa*, reúne neste volume dezoito artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

CARNAVALIZAÇÃO BAKHTINIANA E “O AUTO DA COMPADECIDA”: A COMICIDADE COMO DENÚNCIA SOCIAL E RESISTÊNCIA POLÍTICA

Larissa de Souza Ferraz

Alice Oliveira Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207021>

CAPÍTULO 2..... 14

FEMINISMO DECOLONIAL: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA NA BASE DE DADOS SCOPUS

Lucas da Costa Souza

Milena Rafaela Souza Silva

Carla Gabrielle Galvão Melo

Eleci Teresinha Dias da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207022>

CAPÍTULO 3..... 26

RESGATAR E TRANSFORMAR: UM GRITO DE SOLTURA QUE ECOA NO BRASIL

Alanna Beatriz de Paula Alves

Juliana Santos Graciani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207023>

CAPÍTULO 4..... 35

NECROPOLÍTICA NO ESTADO BRASILEIRO: QUEM DEVE VIVER?

Maíry Aparecida Pereira Soares Ribeiro

Ondina Pena Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207024>

CAPÍTULO 5..... 42

O DIREITO A RESPIRAR DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Hugo Gabriel de Souza Vaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207025>

CAPÍTULO 6..... 50

A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXOS DA PANDEMIA

Alessandra Chaves da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207026>

CAPÍTULO 7..... 62

IMPACTOS DA PANDEMIA NA SAÚDE EMOCIONAL DE UNIVERSITÁRIOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA

Emily Lemes Moisés

Maura Fernandes Sernichiario

Fernando Faleiros de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207027>

CAPÍTULO 8..... 74

ADOLESCÊNCIA E VIVÊNCIA DO VAZIO EXISTENCIAL EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Anna Julia Fontana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207028>

CAPÍTULO 9..... 89

AS INTERVENÇÕES SOCIAIS EXTERNAS AO QUILOMBO E O IMPACTO DESTA NA AUTOESTIMA DA MULHER AFRODESCENDENTE

Mariane Rodrigues Duarte

Fabricao Malaquias Pereira

Gabriela Buchli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207029>

CAPÍTULO 10..... 111

LAZER COM REFUGIADOS NA CIDADE DE SÃO PAULO (SOCIALIZAÇÃO EM UMA NOVA ETAPA DA VIDA)

Bárbara Cardoso da Costa Santos

Madalena Pedroso Aulicino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070210>

CAPÍTULO 11..... 122

ENVELHE (SENDO) EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

Nathália dos Santos Dutra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070211>

CAPÍTULO 12..... 138

PRÁTICAS DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Marcos Alexandre Alves

Josiane Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070212>

CAPÍTULO 13..... 151

MOVIMENTOS E COLETIVOS DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE ENQUANTO AGENTES DE TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Bianca Rocha Fiuza Sátiro

Maria Vanessa de Souza Araújo

Nara Raysa de Souza

André de Lima Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070213>

CAPÍTULO 14..... 156

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE POLICIAIS MILITARES: REFLEXÕES

PSICOSSOCIAIS A PARTIR DE CONTEXTOS EDUCACIONAIS E DE TRABALHO

Maria de Fátima Quintal de Freitas

Dênis Wellington Viana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070214>

CAPÍTULO 15..... 174

ITINERÁRIOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E A FAMÍLIA DE USUÁRIOS DE UM CAPS DE BELÉM: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA

Renata Raiol Magalhães

Lucivaldo da Silva Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070215>

CAPÍTULO 16..... 185

ANÁLISE DA PERSONALIDADE DE UMA EQUIPE DE CONTABILIDADE: UM ESTUDO PELO TESTE PALOGRÁFICO

Camila Espíndula da Silva

Bianca De Bem Lucas

Edinara Bellini Taetti

Josemara dos Santos Rodrigues

Suélen Rocha Centena Pizarro

Andreia Quadros Rosa

Lenise Alvares Collares

Stefânia Martins Teixeira Torma

Suzana Catanio dos Santos Nardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070216>

CAPÍTULO 17..... 196

EPIDEMIOLOGIA OU INDÚSTRIA DE AUTISMO? ANÁLISE DOS EFEITOS PROVOCADOS PELA MUDANÇA NO DSM-V E A BUSCA DE PRÁTICAS TERAPÊUTICAS PARA A “CURA DO AUTISMO”

Alcione do Socorro Andrade Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070217>

CAPÍTULO 18..... 208

O QUE PREDIZ O ENVOLVIMENTO PARENTAL NAS ATIVIDADES ESCOLARES?

Myrian Machado de Paula Silveira

Vinícius Junio Goes da Silva

Leonardo Vasconcellos Munayer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070218>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 216

ÍNDICE REMISSIVO..... 217

CAPÍTULO 2

FEMINISMO DECOLONIAL: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA NA BASE DE DADOS SCOPUS

Data de aceite: 01/02/2022

Lucas da Costa Souza

Milena Rafaela Souza Silva

Carla Gabrielle Galvão Melo

Eleci Teresinha Dias da Silva

RESUMO: A perspectiva do feminismo decolonial reivindica a desconstrução de leituras hegemônicas sobre a mulher e o discurso de feministas oriundas dos países historicamente dominantes, reavalia a proposta e a ideia do feminismo global, considerando as experiências de mulheres prejudicadas pelo racismo, classismo, pela heterossexualidade e pela geopolítica decorrente da colonialidade global. A pesquisa objetivou analisar a produção científica sobre Feminismo Decolonial na base de dados *Scopus*. A metodologia teve característica quantitativa, descritiva, documental e bibliográfica, usando o Programa VOSviewer como ferramenta de análise. Foram analisados 48 artigos no período de treze anos, de 2007 a 2020. Os resultados revelam que palavras-chave mais usadas foram: Feminismo Decolonial, Gênero, Feminismo e Interseccionalidade. As referências demonstram que os países que mais publicaram Foram: Estados unidos, Brasil e Canadá, assim evidenciando que as pesquisas estão situadas no Norte Global, fazendo com que pesquisadores se desprendam da sua língua local para cumprir exigência do Norte. Constatata-

se que as pesquisas nesta área estão apenas iniciando, mostrando que esforços estão sendo feitos para conter os privilégios da comunicação e da produção de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo Decolonial. Bibliometria. Decolonial.

ABSTRACT: The perspective of decolonial feminism claims the deconstruction of hegemonic readings about women and the discourse of feminists from historically dominant countries, reassesses the proposal and idea of global feminism, considering the experiences of women harmed by racism, classism, heterosexuality and by geopolitics arising from global coloniality. The research aimed to analyze the scientific production on Decolonial Feminism in the Scopus database. The methodology had quantitative, descriptive, documental and bibliographic characteristics, using the VOSviewer Program as an analysis tool. Forty-eight articles were analyzed over a period of thirteen years, from 2007 to 2020. The results reveal that the most used keywords were: Decolonial Feminism, Gender, Feminism and Intersectionality. The references show that the countries that published the most were: the United States, Brazil and Canada, thus showing that the researches are located in the Global North, causing researchers to detach themselves from their local language to fulfill the North's requirements. It appears that research in this area is just beginning, showing that efforts are being made to contain the privileges of communication and knowledge production.

KEYWORDS: Decolonial Feminism; Bibliometrics; decolonial.

INTRODUÇÃO

O colonialismo é derivado da palavra latina “colônia”, que significa terras novas para o cultivo. O termo refere-se a “práticas, teorias e atitudes relacionadas ao estabelecimento e manutenção de um império” (CASHMORE, 2000, p.130). Assim, as colônias ficavam sob o controle de um Estado com soberania política em relação território conquistado, além de imposição ideológica de “superioridade cultural”.

A opressão colonial procedeu de modo consideravelmente diferente para mulheres e homens; as mulheres foram duplamente colonizadas, submetidas ao poder da dominação colonial e a específica dominação patriarcal (SPIVAK, 2010; MOHANTY in MEZZADRA, 2008). O colonialismo foi um movimento de dominação e esta mentalidade colonial permaneceu/permanece viva e efetiva, circunstâncias que construíram o conceito em direção ao feminismo decolonial.

O movimento feminista surge pelo esforço por direitos iguais aos homens, seguindo a lógica iluminista europeia de universalização dos direitos e igualdade. A proposta do feminismo decolonial é cessar com qualquer noção universal comum do feminismo, haja visto que as experiências de vida e as histórias das mulheres são culturalmente diferenciadas, além de outra opressão: o racismo colonial.

O termo ‘Feminismo Decolonial’ surge pela María Lugones, feminista e filósofa argentina, em “Colonialidad y género” (2008). Segundo a autora, existe uma sistematização moderna e colonial eurocêntrica de gênero que ignora as categorias de raça e classe, o qual existem os humanos; no caso, o homem branco, titular da razão e inteligência; a mulher branca, propagadora da dominação colonial e da mentalidade soberana; e os não-humanos, que são os índios e negros. Além disso, ela diz que as indígenas e as negras não estão representados em nenhuma classe. Portanto, ela critica as teorias feministas generalizantes, que exclui mulheres com singularidade relativas à raça e classe, e, para cessar essa dominação colonial é preciso construir um feminismo decolonial capaz de construir esferas representativas dos oprimidos da modernidade e colonialidade em relação ao gênero. (LUGONES, 2007, p. 193)

Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo geral trazer ao conhecimento o feminismo decolonial, pretendendo mensurar a contribuição do conhecimento científico derivado das publicações sobre a temática. Para isso, foi utilizada a técnica bibliométrica, que se trata de uma fonte de informações para a predição de enfoques e abrangências futuras da produção de documentos em determinada área de conhecimento, de acordo com NICHOLAS e RITCHIE (1978). Assim, surge a seguinte questão central da pesquisa: Como está a produção de artigos científicos sobre o feminismo decolonial no repositório com obras nessa temática, no período de 2000 a 2020.

Desse modo, a relevância do presente estudo consiste em contribuir para a disseminação do conhecimento científico do feminismo decolonial, construído especialmente

para dar visibilidade maior à mulheres duplamente vítimas dos padrões patriarcais advindos da imposição do colonialismo, e o estudo se justifica pela necessidade de corroborar com o desenvolvimento de novas pesquisas, além de fomentar mais engajamento ao movimento e possibilitar a oportunidade de construções epistemológicas em que mulheres oprimidas pela colonização possam ser representadas e terem outras possibilidades.

BIBLIOMETRIA: CONCEITOS E TEORIA

A expressão 'Bibliometria' estabeleceu-se de um vocábulo criado por Hulme anteriormente, denominada "bibliografia estatística". Em seguida, o termo foi colocado e criado por Otlet, em 1934 (PRITCHARD, 1969; VANTI, 2002; ARAÚJO, 2006). Entretanto, de acordo com Alvarado (2007) a bibliometria já era praticada em diversos estudos de diversas áreas da ciência e vários lugares antes do significado do termo.

A bibliometria trata-se de um método de pesquisa que consiste na busca de produções literárias dentro de uma área de conhecimento, sendo um de seus principais objetivos metodizar as produções acadêmicas dentro da área estabelecida. Para CHUEKE, G. Vouga; M, AMATUCCI (2015, p. 1) as revisões sistêmicas literárias, como a bibliometria serve para esquematizar as origens dos conceitos existentes, expondo as relevantes teorias utilizadas para apurar os assuntos e verificar os métodos usados em trabalhos anteriores.

No entanto, este método de estudo vai muito além, oportunizando por exemplo que possamos identificar autores dos mais consagrados aos mais recentes em determinada área do conhecimento, localização territorial possibilitando saber onde houve maior ou menor número de publicações, isso se dá devido as várias clivagens que podem ser realizadas nesta metodologia. Segundo Araujo (2006, p. 12) no início a bibliometria era orientada a quantificação de livros, e aos poucos foi se orientado para outros formatos de estudo de produção literária como artigos onde posteriormente passa a verificar a produtividade de autores e estudo de citações.

Na bibliometria existem três leis fundamentais, sendo elas lei de Bradford que trata da disseminação e da relevância de periódicos em determinada área do conhecimento. Segundo Araújo (2006, p. 14). Esta lei nasce com o objetivo de saber qual a proporção na qual os artigos de um assunto específico ocorriam em periódicos reservados a outros assuntos, estudando a disseminação dos artigos em termos de variáveis de proximidade ou afastamento. A lei de Zipf tem como finalidade principal demonstrar a regularidade de palavras em um definido texto. Formulada em 1949 e que descreve a relação entre palavras num determinado texto suficientemente grande e a ordem de série destas palavras (contagem de palavras em largas amostragens) Araújo (2006, p. 16). A terceira denominada lei de Lotka retrata o efeito da produção dos escritores em uma área de estudo. Lotka descobriu que uma larga proporção da literatura científica é produzida por um pequeno número de autores, e um grande número de pequenos produtores se iguala, em produção,

ao reduzido número de grandes produtores Araújo (2006, p. 13)

De acordo com Araújo (2006), a bibliometria é uma ferramenta quantitativa e estatística com propósito de medir os números de produção e propagação do conhecimento científico, tendo como um dos focos iniciais analisar a produção científica. Hodiernamente, essa metodologia tem se popularizado devido à crescente quantidade de produzida e disponibilizada de dados bibliográfico, e possuir uma concepção sistemática e resumida facilita a compreensão e até mesmo instrui para caminhos de pesquisa futuramente.

Antes de proceder uma bibliometria é relevante compreender parcialmente sobre o tema que será desenvolvido para conseguir determinar as palavras chaves, que abordam o essencial questão da pesquisa. Em seguida, deve determinar os filtros de busca, entre eles estão: período de publicações de pesquisas (ano), idioma da publicação, área e subárea e se são somente artigos publicados em periódicos ou em anais de eventos. Posteriormente, direciona-se às bases de dados, as mais utilizadas para pesquisas bibliométricas são Web of Science (Thomson Reuters) e Scopus (Elsevier), que são preparadas para pesquisas bibliométricas com diversas informações aprofundadas.

Dessa forma, a expressão bibliometria representa a aplicação de expressões matemáticas e técnicas estatísticas para analisar como está a elaboração científica de certa área do conhecimento, facilitando a investigação da ligação entre a contribuição da pesquisa e os fatores referentes ao problema da pesquisa e do meio da investigação, através de métodos estatísticos, como a correlação, a análise fatorial e regressão.

FEMINISMO DECOLONIAL: CONSTRUINDO UMA NOVA PERSPECTIVA

O conceito de decolonialidade é esclarecido a partir da compreensão de que com o fim do colonialismo, a divisão do trabalho entre centros e periferias, assim como a hierarquia étnico-racial da população não mudaram significativamente, ao contrário, o que tem ocorrido é uma passagem do colonialismo moderno à colonialidade global. E o feminismo decolonial, retomando a premissa da opção decolonial e dos feminismos críticos, oferece uma nova perspectiva analítica para uma compreensão mais abrangente das relações derivadas de raça, sexo, sexualidade, classe e geopolítica de forma interligada.

O feminismo decolonial é um movimento em crescimento e aprimoramento que declara uma reavaliação da proposta e da ideia do feminismo global, diante do que considera sua tendência ocidental, branco e burguês. O nome foi proposto pela primeira vez por María Lugones, socióloga, feminista nascida na Argentina, que participou por alguns anos do movimento feminista de cor, atraída por causas indígenas e pela retomada do pensamento latino-americano decorrente do giro decolonial, que significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade. É a partir da junção entre a perspectiva da interseccionalidade (conceito sociológico preocupado com as interações e marcadores sociais nas vidas das minorias), e

o projeto de investigação da modernidade/ colonialidade, que Lugones elabora a proposta de um feminismo decolonial. O outro marco é estabelecido pelo sociólogo Aníbal Quijano, e que é fundamental para análise de Lugones sobre o modelo de poder global capitalista, relacionado ao termo da colonialidade do poder, que é essencial para o trabalho sobre a colonialidade do saber e do ser e a decolonialidade.

Para o sociólogo peruano Anibal Quijano (2000), a relação entre modernidade-colonialismo-capitalismo-mundial se cria um padrão mundial de poder, que se definiu como colonialidade do poder, outro conceito importante que resgata o feminismo decolonial, que significa relações sociais de exploração/dominação/ conflito em torno da disputa pelo controle e pela dominação, incluindo o conhecimento e a autoridade, e dos seus instrumentos de imposição. Para Quijano, esse padrão mundial se baseou em torno da ideia de raça, que impulsionou uma classificação racial/étnica: índios, negros, amarelos, brancos, mestiços; e uma classificação geocultural: América, África, extremo e Próximo Oriente, Ásia Ocidental e Europa.

María Lugones (2008), embora considere parte da ideia de Quijano sobre a colonialidade, ressalta que a raça não é a única razão da *colonialidade do poder*, mas também o gênero e, portanto, a heterossexualidade. Por outro lado, Lugones aponta que Quijano assume uma noção que analisa como o gênero, um tipo de relacionamento humano reservado ao homem branco europeu privilegiado e a sua companheira, que serve como reprodutora da espécie. Para Lugones, o dimorfismo sexual, ou seja, masculino e feminino, é forma de diferenciação usada aos povos colonizados e escravizados. A socióloga feminista ainda propõe que o gênero é uma classe que está ligada à concepção de humanidade imposta pela modernidade ocidental, que se inicia com o debate de análise se os índios e os negros, seriam humanos, visto que, as fêmeas e os machos colonizados não eram nem mulheres nem homens, assim, não eram considerados humanos no colonialismo.

Sob esse viés, o porto-riquenho Nelson Maldonado Torres (2007) estabelece a definição de *colonialidade do ser*, conceito importante que relembra o feminismo decolonial, que declara a negação da humanidade à algumas populações (principalmente indígenas e afrodescendentes) consideradas como um empecilho à cristianização e à modernização, e essa negação tem sido argumento para escravizá-los, tirar seus direitos, discriminá-los ou até mesmo assassiná-los.

De acordo com LANDER (2000), a modernidade ocidental eurocêntrica também gerou uma *colonialidade de saber*, outro conceito importante que resgata o feminismo decolonial, a qual diz respeito a um tipo de racionalidade técnica-científica, epistemológica, que se declara como o modelo válido de produção de conhecimento para o resto da civilização. Nessa visão, esse conhecimento deve ser neutro, objetivo, universal e positivo.

Nessa perspectiva, origina-se uma grande narrativa universal, na qual a Europa e os Estados Unidos são centros geográficos e a motivação do movimento temporal do saber, em que subestimam, ignoram, excluem, silenciam e tornam invisíveis os conhecimentos

das populações subalternizadas. A colonialidade do poder, do ser e do conhecimento, é a parte ruim da modernidade ocidental, em que manifesta o feminismo como proposta emancipatória aparentemente para “todas” as mulheres. Essas concepções têm sido pautas para o feminismo decolonial, mas os pensamentos que emergiram das práticas políticas coletivas dos feminismos críticos e contra hegemônicos foram uma das principais fontes.

Dessa forma, classes que têm sido essenciais para o feminismo global são problematizadas pois partiram da generalização da submissão das mulheres analisando apenas o gênero (de um aspecto binário e heterocentrado), sem considerar experiências de mulheres prejudicadas pelo racismo, pela inclinação de valorização de certas classes sociais, pela heterossexualidade e pela geopolítica.

O que se designa “feminismo descolonial”, conceito proposto pela feminista argentina María Lugones (2008), tem duas fontes importantes, os feminismos críticos e o contra hegemônicos. Ou seja, as críticas feministas feitas pelo feminismo negro e pelo feminismo hegemônico em sua universalização do conceito de mulher e, assim, revela a natureza racista, classista e heterocêntrica, necessitando de uma visão feminista mais abrangente e inclusiva. Assim, o feminismo decolonial opõe-se diretamente ao feminismo liberal, cuja as pautas são relativas à igualdade no mercado de trabalho e à liberação sexual, desconsiderando a divisão e as desigualdades entre as mulheres.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa biométrica, quantitativa, descritiva, documental e bibliográfica com uso da ferramenta VOSviewer para analisar a temática pesquisada, onde foi realizado o levantamento na base de dados *Scopus*, uma das maiores bases de trabalhos científicos internacionais.

Este trabalho está categorizado por meio da bibliometria que considera: Ano da publicação; base de dados; autor e área de atuação, titulação e instituição de vínculo; local de origem do estudo; idioma e quantitativo de referência

As referências analisadas provem da base de dados *Scopus*, assim analisando um período de 13 (treze) anos, usando a equação Booleana para extração dos documentos TITLE-ABS-KEY (“Decolonial Feminism”) AND (LIMIT-TO (PUBYEAR, 2020) OR LIMIT-TO (PUBYEAR, 2019) OR LIMIT-TO (PUBYEAR, 2018) OR LIMIT-TO (PUBYEAR, 2017) OR LIMIT-TO (PUBYEAR, 2016) OR LIMIT-TO (PUBYEAR, 2015) OR LIMIT-TO (PUBYEAR, 2014) OR LIMIT-TO (PUBYEAR, 2011) OR LIMIT-TO (PUBYEAR, 2010) OR LIMIT-TO (PUBYEAR, 2007) AND (LIMIT-TO (DOCTYPE, “ar”).

Critérios	
Inclusão	Exclusão
A temática deve estar relacionada à Feminismo Decolonial, assim obtendo essas informações a partir de uma leitura sistemática dos títulos e resumo dos artigos.	A temática não está relacionada à Feminismo Decolonial
Somente artigo Científicos	Não ser artigos científico
Artigos publicados entre 2000 a 2020	Data diferente da predefinida

Tabela 1- Critérios de inclusão e exclusão

Fonte 1- Elaborado pelos autores (2021)

Por meio dessa estratégia de busca, leitura sistemática e critérios de inclusão e exclusão descritos na tabela 1, foram recuperados 84 documentos e, após serem submetidos ao processo de identificação do artigo, 48 referências foram filtradas, avaliadas e incluídas na revisão sistemática e serão analisadas pelo programa VOSiwer (Figura 1).

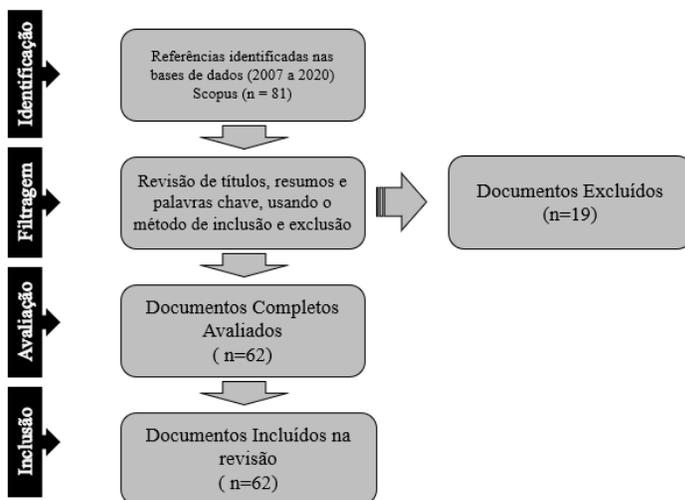


Figura 1- Etapas da Pesquisa

Fonte- Elaborado pelos autores (2021)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As buscas demonstram que os principais autores que publicaram sobre Feminismo Decolonial são: Khader, Almendra e Boonzaier, ambos respectivamente com 3,2,2 documentos cada, quanto aos demais autores publicaram 1 documento apenas, conforme demonstrado na figura 2

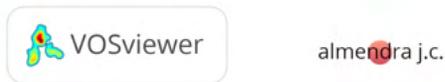


Figura 2- Autores mais relevantes

Fonte- Dados da Pesquisa conforme o VOSviewer (2021)

Utilizando a ferramenta *Scopus* para mapear a produção por ano foi evidenciado que o tema Feminismo Decolonial começou no ano 2007 onde foi encontrado apenas 1 artigo, e depois desta data até o ano de 2009 não se obteve nenhum documento científico abordando a temática, apenas a partir de 2010 que as publicações sobre o tema voltaram à base internacional assim demonstrando uma tendência de alta, visto que em 2020 foram escritos 27 artigos.

Os países que mais publicaram sobre o assunto são os Estados Unidos com 30 artigos, tornando o país com maior número de publicação e ficando em destaque. Depois temos o Brasil com 7 artigos e Canadá com artigos publicados, os demais países publicaram 3 documentos ou menos, assim evidenciado na figura 3. Com esses dados podemos refletir que os países do Norte Global são os que mais publicaram estudos sobre Feminismo Decolonial, assim usufruindo do Sul Global apenas como fornecedor de *insight* e conhecimento, conforme (COMAROFF e COMAROFF, 2012, p.1)



Figura 3- Países mais relevantes

Fonte 1- Dados da Pesquisa conforme o VOSviewer (2021)

Com uso da ferramenta VOSviewer foi analisado as Co-words mais citadas, onde foi evidenciado que as palavras-chaves mais utilizadas foram: Decolinal Feminism (Feminismo Decolonial), Gender (Gênero), Feminism (Feminismo) e intersectionality (Interseccionalidade), ambas respectivamente com 32,10,7 e 7 ocorrências, apresentadas na figura 4.

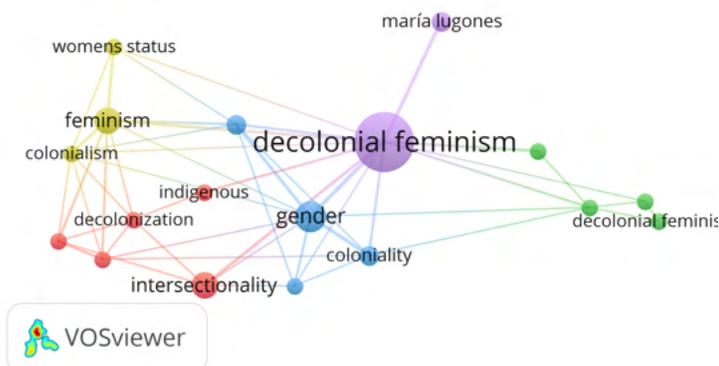


Figura 4- Teia das Palavras chaves mais citadas

Fonte - Elaborado pelos autores conforme o programa VOSviewer (2021)

Com base nos dados coletados evidencia-se que as pesquisas sobre a temática estão situadas em países do Norte Global, assim o autores do Sul Global são marginalizados

e tem que se desprender da sua língua local para cumprir exigências do Norte, com isso criando um preconceito colonial que segundo Santos (2016, p.26) “constitui a chave da compreensão da dificuldade que a Europa tem de aprender com o mundo, de reconhecer histórias, práticas, saberes e soluções para além da história e das teorias, alegadamente universais, produzidas no ocidente”. Diante desses fatos, decolonizar o conhecimento é uma forma, segundo Santos (1995, p.508) “Aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo analisar o quantitativo de produções a respeito do tema feminismo decolonial, pretendendo mensurar a contribuição do conhecimento científico derivado destas publicações. O estudo foi realizado através da pesquisa bibliométrica usando técnicas quantitativas e qualitativas, utilizando a ferramenta VOSviewer. A pesquisa se deu dentro da base de dados Scopus, delimitando-se um período de 20 anos das publicações que, posteriormente, passaram por uma leitura sistemática.

O baixo quantitativo de artigos encontrados, mostra que este é um tema recente no meio científico, visto que sua abordagem foi tardia, iniciada em 2007 na base de dados. Os resultados mostram que os estudos produzidos vêm agregando a temática ampliando o conhecimento sobre a mesma, no entanto, podemos observar que os estudos sobre feminismo decolonial em sua maioria se concentram no norte global, já que a maior parte das produções sobre o tema são realizadas e publicadas em países como os Estados Unidos. Tem-se como limitações desta pesquisa o uso de apenas uma base de dados, bem como as reduzidas discussões por conta do modelo do documento, aconselha-se para futuros estudos e o uso de outras bases de dados para uma possível ampliação das fontes, bem como a expansão para outros tipos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVARADO, Rubén Urbizagástegui. A bibliometria no Brasil. **Estudos**, p. 91-15, jul./dez. 1984.

ALVARADO, Rubén Urbizagástegui. **A bibliometria: história, legitimação e estrutura**. Para entender a ciência da informação. Salvador: EDUFBA, p. 185-217, 2007.

ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evoluções históricas e questões atuais. **Em questão**, v.12, n. 1, p. 11-32, jan/jun. 2006.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Selo negro, p.130, 2000.

CHUEKE, Gabriel Vouga; AMATUCCI, Marcos. O que é bibliometria? Uma introdução ao fórum. **Revista eletrônica de negócios internacionais: internext**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-5, mai/ago. 2015

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. **Theory from the South: Or, How Euro-America is Evolving Toward Africa.** 2845. ed. Estados Unidos: Paradigm Publishers, 2012.

DEVALLE, Susana BC; LANDER, Edgardo. Edgardo Lander (comp.) **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas.** Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000.

La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires e Caracas: Clacso y Unesco, 2000.

LUGONES, María. **“Colonialidad y Género”.** Tabula Rasa. Bogotá, Colombia, n.9, 73-101, 2008.

LUGONES, María. **Colonialidad y Género: Hacia un feminismo descolonial, en:** Género y Descolonialidad. Mignolo, W. (comp.). Buenos Aires: Del signo, 2008.

LUGONES, María. **Heterosexualism and the colonial/modern gender system.** Hypatia, v. 22, n. 1, p. 186-219, 2007.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Sobre la colonialidad del ser:** contribuciones al desarrollo de un concepto, en: Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (eds.). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Iesco/Pensar/Siglo del Hombre Editores, 2007.

MOHANTY, Chandra Talpade. **“Bajo los ojos de Occidente: saber académico y discursos coloniales”.** In: MEZZADRA, Sandro (Org.). Estudios postcoloniales: Ensayos Fundamentales. Madrid: Traficantes de Sueños, 2008.

NICHOLAS, David; RITCHIE, Maureen. **Literature and bibliometrics.** London: Clive Bingley, 1978.

PIMENTA, A.A. *et al.* A bibliometria nas pesquisas acadêmicas. **Scientia:** revista de ensino, pesquisa e extensão, v.4. n. 7, p.1-13, 2017.

PRITCHARD, Alan et al. **Statistical bibliography or bibliometrics.** Journal of documentation, v. 25, n. 4, p. 348-349, 1969.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina, en:**

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma nova visão da Europa:** aprender com o Sul. Revista Sociologias. Porto Alegre: ano 18, nº43. 2016, p. 24-56

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice.** O Social e o Político na Pós-Modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

SOUSA, E. D. S. *et al.* Mapeamento da produção científica internacional sobre intensão empreendedora. **Revista de gestão e secretariado:** revista GeSec, São Paulo, v. 10, n.3, p. 114-139, set/dez. 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar**. UFMG, 2010.

VANTI, Nadia Aurora Peres. **Da bibliometria à webometria**: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. *Ciência da informação*, v. 31, p. 369-379, 2002.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso sexual 50, 54, 57, 58, 60, 61

Adolescentes 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 102, 108, 183

Auto da Compadecida 1, 2, 3, 4, 7, 8, 11, 12

Autoestima 89, 91, 92, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110

B

Bibliometria 14, 16, 17, 19, 23, 24, 25

C

Carnavalização 1, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12

Comicidade 1, 3, 4, 5, 7, 11, 12

Contextos externos 89, 107

COVID-19 35, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 55, 56, 59, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 83, 84, 85, 87, 161, 177

Cultura 2, 4, 5, 7, 12, 13, 35, 49, 57, 89, 90, 91, 102, 103, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 130, 133, 158, 161, 192, 206, 216

D

Decolonial 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Deslocamento 68, 111, 117, 206

DSM-V 196, 197, 199, 203, 206

E

Educação formal 156, 171

Educação informal 156

Educação não formal 156

Envelhecimento 122, 124, 125, 132, 133, 136, 137

Equipe de contabilidade 185, 186, 187, 193

Espiritualidade 86, 174, 176, 183, 184

Estado 6, 15, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 53, 55, 57, 61, 62, 65, 66, 70, 72, 91, 93, 94, 116, 123, 124, 136, 140, 145, 146, 147, 148, 150, 153, 156, 160, 164, 168, 169, 177, 200, 202

F

Feminismo decolonial 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Fenomenologia 85, 174, 184

I

Identidade 5, 29, 91, 97, 102, 109, 117, 122, 127, 129, 131, 136, 151, 152, 153, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 178, 181, 182, 198, 207

Idosos 40, 65, 102, 108, 110, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

Instituições de longa permanência 122, 123, 124, 125, 126, 129, 131, 134, 135, 136, 137

Intervenção 39, 42, 57, 107, 138, 142, 146, 149, 179, 212

Isolamento social 38, 39, 45, 54, 55, 56, 58, 59, 63, 65, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 88, 106, 126, 134

K

Kurt Lewin 26, 27, 28, 29, 31, 34

L

Lazer 36, 52, 57, 68, 76, 77, 81, 86, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 132, 136

Liderança 26, 31, 32, 185, 193

M

Manifestações 1, 5, 6, 7, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 58, 91, 175

Moradia 36, 122, 123, 125, 135, 137, 164

Morte 35, 40, 44, 45, 46, 47, 51, 53, 64, 75, 82, 85, 100, 124, 129, 130, 137, 139

Mulher afrodescendente 89, 92, 97, 106, 107, 109

N

Necroliberalismo 42

Necropolítica 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 46, 48, 49

P

Pandemia 35, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 161, 177, 193, 200, 214

Personalidade 29, 33, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Poder popular 26, 28

Práticas cotidianas 156, 170

Prisões 126, 130, 136, 138, 140, 144, 146, 147, 150

R

Refugiados 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Reintegração social 111, 114, 120, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Religiosidade 152, 174, 176, 180, 182, 183, 184, 195

Resistência política 1

S

Saúde emocional 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72

Saúde mental 32, 33, 62, 64, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 75, 81, 84, 85, 124, 137, 140, 174, 175, 176, 177, 181, 182, 183, 187, 211, 212

Segurança pública 46, 55, 140, 150, 156, 172

Sistema prisional 138, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Soberania 15, 27, 35, 36, 37, 40, 47

Sociologia 12, 48, 150, 196, 197, 198, 207

T

Teste palográfico 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 195

Transtorno do Espectro Autista (TEA) 196, 197, 199

U

Universitários 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73

V

Vazio existencial 74, 75, 76, 80, 83, 84, 86

Velhice 122, 123, 124, 130, 131, 132, 133, 134, 136

Vida 3, 6, 7, 8, 15, 27, 32, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 51, 53, 57, 63, 65, 66, 68, 71, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 95, 98, 102, 103, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 147, 153, 156, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 177, 187, 190, 194, 196, 197, 198, 201, 202, 208, 209, 213, 214

Violência contra crianças e adolescentes 50, 52, 53, 57, 59

Violência sexual infantil 50, 61

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



A psicologia no Brasil:

Teoria e pesquisa

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



Atena
Editora
Ano 2022